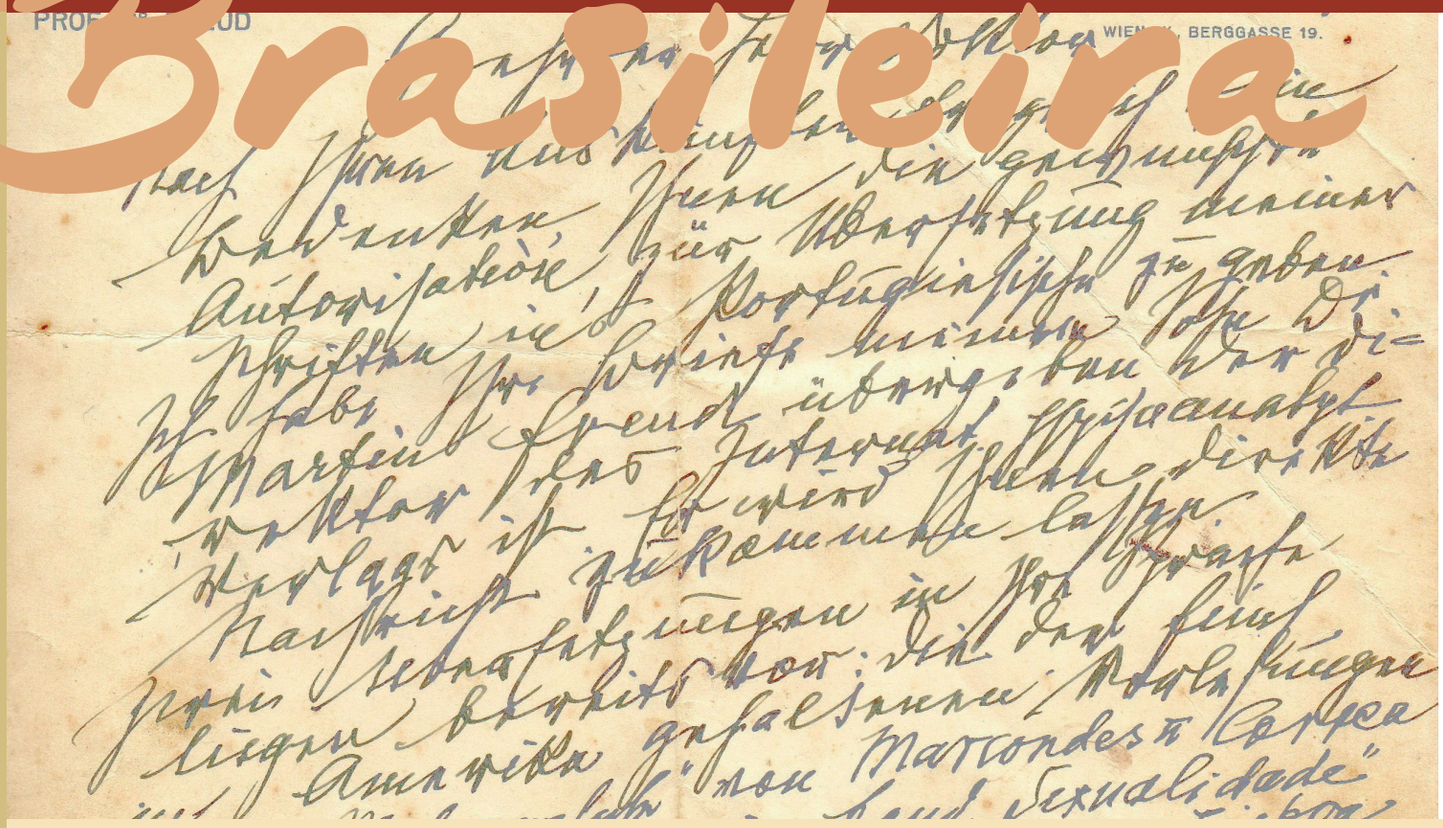
Jornal da Brasileira

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE DE PORTO ALEGRE

Órgão de divulgação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre V.18 NÚMERO 01 - JULHO 2014



O VIRTUAL ENCONTRA O ANALITICO

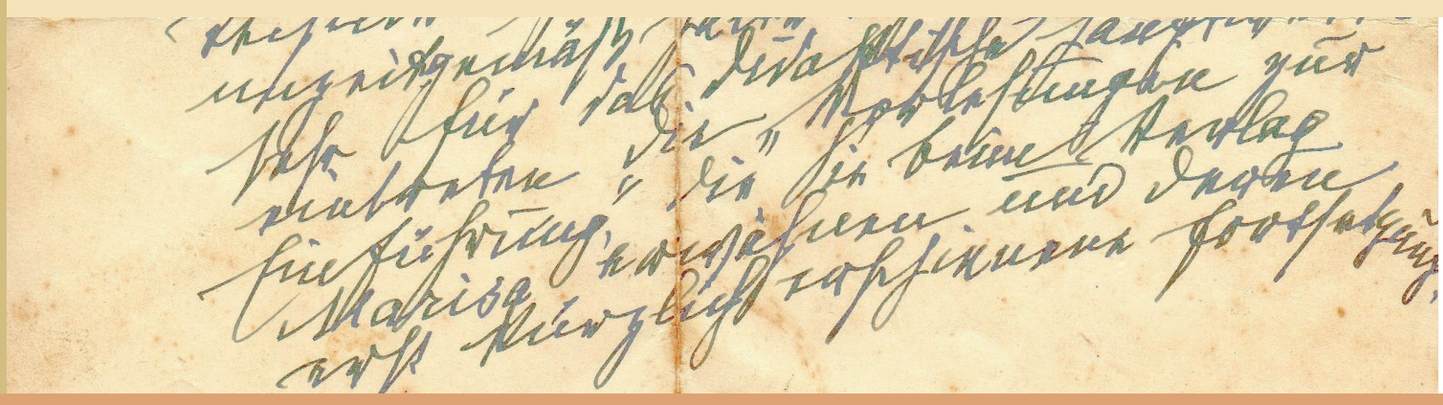
FREUD, O ESCRITOR DE CARTAS - P.12
Ignácio Paim Filho

2014 - TRATAMENTOS VIRTUAIS - P.13
Júlio Campos

O VIRTUAL NA TÉCNICA PSICANALÍTICA - P.15
Ana Paula Terra Machado

COMUNICAÇÃO VIRTUAL - P.14
Gloria Gitaroff

O HOMEM E A MÁQUINA - P.16
Leonardo Francischelli



Identificada com o criador, sua criatura - a psicanálise - nunca deixou de ser inquieta. *Helena Surreaux P.3*

O Virtual no (do) Encontro

Caros leitores

Com muita satisfação lhes entregamos mais uma edição do Jornal da Brasileira. É com a mesma satisfação que passo a compor, como editora, a equipe deste jornal a partir deste número. Recebi das mãos da querida Ester Litvin, neste momento afastada e a quem sou muito grata, a oportunidade de viver essa experiência, esperando poder dar continuidade, com a mesma qualidade, ao trabalho ate então feito por esta equipe. Com o objetivo de deixar a leitura mais agradável e atraente, a primeira edição deste ano traz mudanças em seu projeto gráfico. A principal delas é o uso das cores. O fundo das páginas deixa de ser colorido para dar mais clareza ao texto, aparecendo em trechos que vão ser destacados para provocar o interesse dos leitores. Os títulos das seções também recebem cores para facilitar a identificação do assunto. Além disso, para otimizar o espaço, as barras internas agora estão no fim das páginas. Também mudamos a fonte (letra), buscando deixar ainda mais legível o conteúdo deste jornal.

Estamos em tempos de Copa do Mundo, a competição mais prestigiada e assistida do planeta, e nosso país é o anfitrião. Olhos e ouvidos dos quatro cantos do mundo estão voltados para nós neste momento, graças a tecnologia virtual que conecta a todos em tempo real. Aproveitando o momento, o tema central desta edição do jornal da Brasileira é "A Comunicação Virtual", um elemento da era contemporânea, que vem se fazendo cada vez mais presente no encontro analítico. Freud, através das cartas a Fliess fez sua autoanálise utilizando-se dos meios de comunicação à distância que a época dispunha. Hoje a comunicação virtual (principalmente via Skype) desconsidera tempo e distância. Coloca o sujeito em contato onde quer que esteja e traz consigo a vantagem de proporcionar interações, trocas e encontros até então impossíveis em tempo real. O "aqui e agora" nunca esteve tão presente. Mas a relação analítica envolve um *setting* próprio. Como fica o vínculo através do virtual?

A validade da análise virtual (via Skype ou telefone) utilizada para auxiliar a formação analítica de candidatos em locais onde não se fazem presentes analistas em função didática tem sido abordado na IPA e suas filiadas, como mostra o ultimo relatório da reunião do *Board* da IPA ocorrida em 26 e 27 de abril em Bologna, como nos é apresentado por Altamirando Matos de Andrade Júnior (SBPRJ), representante Latino Americano nesta reunião. Altamirando escreve que a tendência parece ser que seja exigido um tempo prévio de análise presencial até que a análise virtual possa ser admitida, mas que esta questão ainda está em aberto, por haver discordâncias entre os membros da *Board*. Soma-se a isso o interesse em difundir a psicanálise onde ainda é insipiente ou não se faz presente, e neste ponto a comunicação virtual abre grandes possibilidades. A "virtualidade na comunicação" é uma questão que não bate à porta, e sim arromba e força sua entrada. Como gatilho para refletir sobre "o virtual no (do) encontro analítico", convidamos alguns colegas que nos escrevem sobre suas ideias e vivências com análise virtual, como mostramos nas páginas centrais deste jornal.

Seguindo, temos noticias e divulgações de nossas Comissões, Grupos e Núcleos, que trabalham de modo criativo na Instituição. A proposta é que não apenas nos informemos sobre seus cronogramas e atividades, mas que também possam nos contar um pouco sobre seu trabalho na Brasileira.

A Seção "Movimentos" nos mostra a movimentação de nossos membros, dentro do semestre, em eventos internos (ingresso ou conclusão de formação) e em eventos externos à Brasileira, levando consigo seu nome. A importância de darmos expressão a esses movimentos é que eles traduzem o crescimento da Instituição como um todo e seu reconhecimento no cenário analítico atual. E é também através do reconhecimento individual de cada um que nos sentimos pertencentes e estimulados.

Na sequência, apresentamos três textos também ligados ao eixo temático desta edição, que fazem entre si um contraponto muito interessante sobre o tema.

Contamos também com a crônica de Celso Gutfreind, "O luto contemporâneo", na qual é profundo em lamentar a "urgência" que impera nas relações que hoje observamos acontecer, quando não há tempo para sentir, e deixa o sujeito aprisionado num vazio de afetos e representações.

E fechamos esta edição com uma nova proposta no jornal, que é a resenha de um filme, aproveitando a atividade que ocorre periodicamente na Brasileira, o Café Cinema. Aqui, o Grupo Pró – Criar, que participou da atividade em abril deste ano, traz a resenha do filme "De repente Pai". Uma comédia despretensiosa que traz à luz o "tornar-se pai", enfocando de modo leve as peculiaridades da época atual, e convidando a pensarmos os possíveis modelos familiares que hoje surgem.

Gostaria de agradecer a experiente equipe editorial, composta por Fátima Fedrizzi e Rodrigo Boettcher, que carinhosamente me receberam como editora deste jornal, assim como também receberam a colega Magda Martins Costa, nova integrante desta equipe. Agradeço, da mesma forma, a competência e presteza de nossa jornalista Helena Mello, a sempre eficiente Ananda Feix, nossa bibliotecária, e a dedicação da jovem Juliana Ulrich, nova assistente editorial que, como nós, colocou todo seu afeto neste trabalho. Por fim, agradeço de coração a todos os colegas que generosamente prestigiam o Jornal da Brasileira com sua leitura e que nos abastecem com seus textos e notícias, sem as quais esta edição não seria possível.•

Um carinhoso abraço a todos.

Mara Horta Barbosa
Editora e psicanalista da SBPdePA

Psicanálise virtual: virtudes e contornos

Sensível à pulsação do entorno, este número do jornal se debruça sobre o polêmico tema da análise virtual.

Esta prática, bastante disseminada entre os colegas, mas ainda vista com desconfiança por alguns e exercida sob a sensação subjetiva de transgressão por muitos que se aventuraram na experiência, convida a que nos ocupemos de pensá-la conceitualmente e de encontrar-lhe contornos que nos permitam efetivamente incorporá-la (ou não, se for o caso).

Freud foi descobrindo a psicanálise a partir da ausculta do contexto sócio cultural da época e de sua produção subjetiva. Sua escuta sensível deteve-se no sofrimento das suas histéricas e com Anna O. aprendeu sobre a *talking cure*, o que o levou a posicionar-se de forma totalmente original em relação às abordagens até então existentes. Essa mudança de paradigma deu nascimento à psicanálise.

Identificada com o criador, sua criatura - a psicanálise - nunca deixou de ser inquieta. Entregou-se à escuta da subjetividade de outras faixas etárias mediante a compreensão do desenho e do brinquedo infantis e dos adolescentes, antes considerados inanalisáveis e que hoje abrem seu mundo interno em nossos consultórios através de suas páginas web. A clínica da psicanálise, na busca incessante de escuta do humano, foi evoluindo em suas formas de aproximação, conduzida pelas mudanças socioculturais: tratamentos vinculares, técnicas mais ativas visando a abordagem de transtornos não neuróticos, menos pautados pela representação, bem como sua aplicação ao campo social, etc foram consolidando-se no cenário da prática da análise.

Vejo a psicanálise à distância como mais uma ampliação natural da invenção freudiana, para dar conta das novas demandas culturais, sem, contudo, perder seus fundamentos, ao contrário, com todos os seus dispositivos preservados.

Anos 90, durante minha formação em Buenos Aires, já se ouvia de analistas sérios que realizavam sessões de análise por telefone frente a impossibilidades de deslocamento. Ou seja, como recurso para driblar obstáculos impostos pela distância física, a análise, hoje chamada virtual, não é nova.

O que muda na atualidade?

O mundo globalizado promove migrações humanas sistemáticas. As pessoas são do mundo, falam vários idiomas, os jovens fazem intercâmbios, os executivos residem em diferentes lugares sucessivamente. Cursos e doutorados fora do país de origem são uma constante na vida contemporânea, trazendo uma instabilidade das residências sem precedentes.

É natural que essa condição da existência, aliada ao vertiginoso refinamento da tecnologia da comunicação tenha sua incidência nos formatos que vão se impondo às análises de nossos pacientes.

Mas se a psicanálise à distância é tão recomendável, por que a discussão? Na verdade, o que se perde com a virtualidade?

Claro que a experiência da presença é mais completa. Tudo que pode ser captado por nossa sensorialidade comunica algo do outro; cheiros, o toque da pele, o ritmo da marcha, a forma de acomodar-se no divã ou na poltrona, as sutilezas da expressão, seu aspecto geral e todas as nuances da sua concretude no espaço constituem referenciais que impactam contratransferencialmente e aportam informações que parecem tornar nossa difícil tarefa mais abarcável.

No entanto, a análise virtual não se arroga o direito de substituir a presença por motivos fúteis. Vejo-a como um sucedâneo, frente à impossibilidade da concorrência ao enquadre espacial do consultório.

Em que pese toda a riqueza do impacto presencial, minha experiência com a virtualidade mostra que podemos desenvolver a capacidade perceptiva para captar as sutilezas do outro também nessa nova modalidade. Como o cego, que aguça a audição para perceber o mundo, compensando sua deficiência visual. Ao não contar com a materialidade do paciente, outros matizes, também constantes na presença, ocupam a cena de forma ainda mais sutil: a tonalidade da voz, as interrupções do relato, o ritmo da respiração; quando há imagem, o ambiente escolhido para a sessão é também um fator de comunicação. Não devemos esquecer que a sessão pelo skype nos coloca dentro da casa do analisando, ou do seu lugar de trabalho, etc. Isso traz repercussões importantes para ambos partícipes da experiência. Às vezes o paciente nos mostra a sua casa, o seu jardim, o seu quarto, a vista da sua janela, o seu animal de estimação, etc. Muitas vezes coloca-se numa postura diferente da que conhecíamos em presença. Está no seu território e assim podemos vislumbrar, por exemplo, uma firmeza na atitude que não aparecia em nosso consultório.

Tomamos contato com a sua intimidade por outra via, não apenas narrada, mas também por aqueles aspectos do seu universo que podem ser capturados pela imagem.

Trata-se de um paradoxo interessante, a psicanálise à "distância", sob outra perspectiva, nos introduz no âmago da intimidade do paciente, fato que também pode ser vivenciado por ele como invasão. Passamos a ser, na transferência, por exemplo, a mãe invasora que adentrava o seu quarto sem permissão; oportunidade preciosa para a análise dessas situações. Via *Skype*, nos encontramos com um paciente menos narrado e imaginado, talvez mais concreto, a partir de outros recortes da sua existência. Não entro no mérito do que é melhor, creio que essa prática à distância não veio competir com a presença, mas somar-se.

Na análise virtual, todo o fenômeno de comunicação transferencial-contratransferencial, não só está presente, como enriquecido pelas condições do novo setting. Captar essa riqueza será possível entregando-nos à experiência sem tantos preconceitos e humildemente aprendendo com ela, como o criador da psicanálise ao escutar as suas histéricas.

Curiosamente, o virtual tem mais afinidade com a psicanálise do que parece. O termo virtual vem do latim medieval Virtuale ou Virtualis, que significa virtude, força ou potência. Aquilo que não existe como realidade material, mas como potência ou faculdade (Wikipedia). Dessa forma, o virtual está intimamente relacionado com alguns conceitos essenciais da psicanálise, como realidade psíquica, realidade material e transferência.

O falso enlace que constitui a transferência vive virtualmente com o analista conflitos e sentimentos como se fosse com os objetos originais. Esse jogo, construído na realidade psíquica do paciente e virtualmente vivido com o analista é o verdadeiro roteiro da análise. Não importa se esta se dê com dois corpos ocupando o mesmo espaço físico ou não.

Quero felicitar os responsáveis por este inspirado número do jornal por promover esta discussão. Esta edição teve duas mães prestimosas a quem quero agradecer. À Ester Malque Litvin, pela profundidade e entusiasmo impressos no seu excelente trabalho a cargo deste jornal e pela maravilhosa companhia que foi nestes anos como Diretora de Comunicação. À Mara Horta Barbosa que, com mãos firmes e sensibilidade, assume o cargo e materializa brilhantemente esta edição. À toda a criativa Comissão Editorial, Fátima Fedrizzi, Magda Martins Costa e Rodrigo Boetcher, à nossa jornalista sempre cheia de ideias Helena Mello e ao empenho da secretária Ananda Feix e da assistente editorial Juliana Ulrich, meu muito obrigada.•

Helena Ardaiz Surreaux
Presidente e psicanalista da SBPdePA

Um pouco da história dessa diretoria

O Francischelli e eu, juntos na nossa intenção de nos candidatarmos à Diretoria do Instituto, fizemos chegar à Secretaria nosso Programa de Realizações.

1 – Respeitar os nossos documentos;
2 – Fazer um ano de atividades com uma reunião mensal, com a presença de membros titulares e associados, para discutir e aprofundar a ideologia do instituto sobre a formação que queremos para nossa sociedade;
3 – Discutir, a partir das ideias fundantes do nosso instituto, como liberdade de cátedra, liberdade curricular, semestralidade e cinquenta por cento de seminários freudianos;
4 – Defender recursos próprios para o instituto tanto financeiros como administrativos;
5 – Fazer uma revisão geral dos membros do instituto.

Neste primeiro ponto, do Respeitar os nossos documentos, destacamos o Estatuto Social da Sociedade e o Regulamento do Instituto – e é sempre importante recordar que eles foram elaborados pelos 17 fundadores de nossa Sociedade, em conjunto com os cinco membros do *Sponsoring* e *Liaison Committee*. Convocamos a Primeira Assembleia de Professores para que fossem eleitos os representantes das duas Subcomissões que comporiam a direção do Instituto: a de Formação e a de Seminários. Foram eleitas a Dra. Augusta Gerchmann para a de Formação e a Dra. Laura Ward da Rosa para a de Seminários. Com a inclusão regulamentária na Subcomissão de Seminários da representante eleita como Presidente dos membros do Instituto (AMI), a Dra. Magda Barbieri Walz, iniciamos nossos trabalhos.

Dentro do segundo item do Programa de Realizações, iniciamos em março as Assembleias mensais de professores. Na primeira e na segunda, discutiram-se basicamente os dois modelos de transmissão da psicanálise nestes 20 anos de existência do Instituto. Nos seus primeiros 10 anos, estes eram obrigatoriamente anuais e sequenciais. Nos últimos 10 anos, além de ficarem semestrais, poderiam não mais ser necessariamente sequenciais.

Em maio, houve o 1.º encontro do Instituto com os membros da AMI.

Como tentativa de ir angariando maiores participantes, seja nas Assembleias mensais dos professores, seja nos encontros com os membros da AMI, começamos a enviar aos membros do Instituto e aos da Sociedade as respectivas agendas do que foi discutido.

Um pouco da História do Núcleo de Infância e Adolescência (NIA) e do Curso de Formação Psicanalítica de Crianças e Adolescentes.

O Núcleo de Infância e Adolescência foi fundado em 2002. Sendo um Núcleo, estatutariamente está vinculado à Diretoria da Sociedade. A criação do curso de Formação psicanalítica de crianças e adolescentes se deu em decorrência das necessidades e do desejo dos membros da Sociedade e do Instituto. A Sociedade e o Instituto delegaram sua execução ao Instituto. Com essa incumbência, o Instituto constituiu uma comissão *ad hoc* na qual foi incluído provisoriamente em sua composição um Membro da Sociedade e do NIA, a Dra. Vera Maria Homrich Pereira de Mello.

Estamos promovendo reuniões com a diretoria da Sociedade, com quem fez parte da organização e do seguimento seja do NIA, seja do curso. Nosso objetivo é que, dentro do nosso programa de realizações, sejam decididas algumas questões básicas, por exemplo, se é possível a junção do NIA e do curso, e a quem ficarão adscritos, à Sociedade ou ao Instituto.

Finalmente, desejo, nesta primeira divulgação, deixar explicitado o mote de nossa gestão:

QUE INSTITUTO

NÓS QUEREMOS?

***Fernando Kunzler** - Diretor do Instituto e psicanalista da SBPdePA*

O direito a não comunicação

No contraponto do ritmo frenético de informações que invadem os vários setores da vida atual e dos impressionantes avanços tecnológicos que promovem as diversas modalidades de comunicação virtual, de um imperativo midiático para que as pessoas se mantenham permanentemente conectadas, que não se desliguem nunca (o não exercício do fort-da), – o Grupo de Estudos Espaço Potencial da SBPdePA tem discutido a questão da não comunicação e seus possíveis significados. Temos trabalhado na intersecção das ideias de Winnicott, em especial expressas em seu texto "O comunicar-se e o não comunicar-se e sua relação com alguns pares antitéticos" (1963) – com os aportes contemporâneos de Ricardo Rodulfo, que destina a não comunicação um capítulo de seu último livro ("Trabajos de la lectura, lecturas de la violencia" [2009]), valendo-se de bases filosóficas para uma abordagem original desse tema.

Já na introdução de seu artigo (1963), Winnicott defende de antemão o direito a não comunicação e a não ser encontrado, tomando como tese central a ideia de que há um núcleo de personalidade que nunca se comunica com o mundo dos objetos percebidos (realidade externa); esse elemento não comunicável é sagrado e merece muito ser preservado."Embora as pessoas saudáveis se comuniquem e apreciem se comunicar, outro fato que é igualmente verdadeiro é que cada indivíduo é isolado, permanentemente sem se comunicar e na realidade nunca encontrado" (p.170) Partindo da descrição das etapas precoces do desenvolvimento emocional, ressalta o valor estruturante da experiência de onipotência primária, que só pode ocorrer se o bebê estiver sob a tutela de um ambiente facilitador, que permite ao bebê a ilusão de criar o objeto. Nesse contexto, pode haver a "não comunicação simples", que é como repousar, ficar em relaxamento; normalmente, é daí que se origina a comunicação. Já quando o ambiente é perturbado em relação às demandas maturativas do bebê, antecipando-se às suas necessidades de forma intrusiva, por exemplo, não há condições de o bebê "criar o mundo"; as experiências traumáticas precoces levam à organização de defesas primitivas face à ameaça desse núcleo de self ser violentado; nesse caso, a comunicação com o mundo externo ocorre com o falso self e não parece ser real (não é uma comunicação verdadeira, porque não envolve o núcleo do *self*). Pode-se esperar uma "não comunicação ativa ou reativa" com o mundo externo, quando a escolha é não comunicar para preservar o verdadeiro self – mantendo a comunicação secreta ou silenciosa com objetos subjetivos, para resgatar a sensação de ser real. Ou pode haver uma comunicação como negação do silêncio, negação de uma não comunicação ativa ou reativa. O autor, em mais uma de suas proposições paradoxais, enfatiza o direito de a criança estabelecer um eu privado que não se comunica, e ao mesmo tempo que ela quer se comunicar e ser encontrada: "é um sofisticado jogo de esconder em que é uma alegria estar escondido mas um desastre não ser achado" (p.169). Winnicott articula esse aporte teórico com outro de seus conceitos conhecidos, que é o estar só na presença de alguém (apresentado no texto de 1958), em que o estar só não tem o sentido de solidão ou de um retraimento esquizoide, mas se pode escolher pela reclusão, desfrutar o estar só, sendo essa capacidade a precursora de algumas importantes habilidades, como a de se concentrar em uma tarefa na presença de outros. Desse texto complexo, podemos discutir vários desdobramentos sobre a técnica psicanalítica, como: não traduzir silêncio do paciente necessariamente como uma resistência; ou a violência que pode representar uma interpretação feita a partir da esperteza ou experiência do analista, sem que o paciente esteja pronto para criá-la ou encontrá-la, vivida de forma análoga à intrusão ambiental precoce; ou, ainda, processos analíticos que se tornam um conluio infinitamente prolongado do analista com o paciente, dada a negação da não comunicação (baseadas em comunicações estabelecidas com o falso self). Ricardo Rodulfo (2009) nos acrescenta com interessantes ponderações a respeito desse texto de Winnicott, das quais vamos destacar alguns pontos:

- O contraste que existe entre o valor atribuído por Winnicott ao direito a não comunicação e as consignas psicanalíticas mais habituais, como o princípio da associação livre, em que se pede ao paciente que diga tudo o que lhe vem à cabeça, não censure nada, tomando o desvio disso como obstáculo ao trabalho analítico. Na formulação clássica, não era reservado um espaço para pensar que o desejo ou necessidade de não ser encontrado pode ter um alcance mais profundo do que a resistência. A princípio, só era possível uma valorização positiva do silêncio do analista, mas o do paciente tendia a ter uma valoração negativa; mais tarde, certos silêncios puderam ficar atrelados ao trabalho de elaboração. Mas foi com Winnicott que se pensou que, em alguns casos, na análise, alguém pode pela primeira vez estar em silêncio, como em um jogar só na presença de outro, sem a compulsão a comunicar-se.

Os ideais culturais atuais não valorizam a reserva e o silêncio – há uma espécie de compulsão a pôr tudo em palavras e a fazer coisas constantemente, que pode sobrecarregar a vida desde a infância. Exemplifica com uma tendência observada de as escolas preocuparem-se com crianças que podem se manter mais sós, menos integradas no grupo, o que é facilmente tomado como sinônimo de isolamento patológico, e raramente compreendido como uma capacidade para desfrutar o estar só. Refere que esse direito a não comunicação é especialmente negado às crianças, já que há toda uma tradição educativa onde elas são doutrinadas sobre a importância de dizer a verdade aos adultos e o valor de não ocultar nada de seus pais. Talvez por isso o direito a não se comunicar se originou e se organizou no seio da clínica psicanalítica com crianças (para começo de conversa, em geral não é a criança que escolhe se comunicar com um analista). Em geral, os pais ficam inquietos quando seu filho sai de uma sessão e não lhes conta o que faz ali dentro. O autor destaca que quando a criança escolhe não comunicar algo, ela tomou uma "decisão política": é através do direito a não comunicar-se que a criança passa a ser um cidadão com seus direitos e ingressa a uma categoria, não a de ser-objeto manipulável, como um instrumento musical. "E se há uma resistência nesse caso, isso pode não ser um sinal de enfermidade e sim um sinal de que a criança efetivamente tenha psiquismo" (p. 31)•

Um século de psicanálise

Silvia Brandão Skowronsky
Psicanalista da SBPdePA

Por que acredito na psicanálise? O poético Mia Couto descreve: "Preciso ser um outro para ser eu mesmo... Existo onde me desconheço. Também porque a psicanálise descobriu que viver é muito mais do que simplesmente sobreviver, existir ou durar. Por que ler Freud? Porque é o fundador, e há um século sua obra nunca termina de dizer o saber que contém".

A metapsicologia é como uma infraestrutura conceitual e teórica que funda a psicanálise. A metapsicologia faz cem anos e, como sabemos, é lá que Freud elabora os eixos fundamentais, os pressupostos conceituais da teoria: o inconsciente (a representação e o recalcado), a sexualidade infantil (pulsão sexual, narcisismo e Édipo) e a transferência (repetição e atualização).

Nesse trabalho de elaboração conceitual da psicanálise, desde sua concepção de origem, Freud propôs muitas alterações. Se considerarmos o modelo da teoria dos sonhos de 1900 como ponto de partida, observamos que os modelos teóricos da psicanálise nasceram envolvidos em um processo de complexização. Porque Freud, atento à clínica produtora de problemáticas, procura e elabora soluções, mesmo que esse movimento o obrigue a reformulações. Verdadeira posição dialética!

Um paradigma se organiza a partir de uma problemática que desafia e demanda solução. Por exemplo, a compulsão à repetição foi uma problemática observada por Freud que impôs uma mudança na teoria das pulsões. Considera uma insistência, "além do princípio do prazer", é onde verifica que aparece o ato. Conclusão: a representação tem seus limites, isso muda muito, mas não tudo.

Uma reflexão sobre a teoria na psicanálise não é simples. Implica examinar como se formam ou transformam os conceitos, alcançar as articulações e a origem dos conceitos e acompanhar as rearticulações posteriores, configurando um movimento epistemológico.

Quando incluímos o contexto histórico, ampliamos a perspectiva para pensar seu possível percurso e transformação. As versões, reversões e as modificações. Nesse contexto, inserimos a ideia de dialogar e ressaltamos o valor de indagar sobre a relação conceitual dos psicanalistas com a psicanálise. Como é possível a obra de Freud originar tantos modelos diversos e práticas tão variadas? Como compreender o vínculo existente entre os diversos modelos da psicanálise contemporânea e a obra de Freud? A diversidade também tem seus limites?

As transformações teóricas e o nascimento de escolas pós-freudianas estão vinculadas à história do movimento psicanalítico, aos seus personagens e às suas relações com o fundador, Freud. Então, é possível compreender a diversidade conceitual nascida da mesma origem, razão para reler Freud e confirmar essa fecundidade de gerar pensamentos, indagações, admiração e gratidão por seu legado teórico/conceitual.

O legado de Freud à psicanálise tem potência de gerar conhecimento depois de um século? Por que ler Freud? Nesse processo de elaboração conceitual, Freud compreende que o humano é múltiplo e singular e, nessa perspectiva, os conceitos-eixos que sustentam o campo teórico da neurose, na psicanálise, são como os indicadores de uma bússola, marcando as dimensões do inconsciente (representação e recalcado), da sexualidade infantil (pulsão sexual, narcisismo e Édipo) e da transferência (repetição, atualização). Importa a experiência vivencial e o relato possível da versão singular da história pessoal. Eis o alcance da palavra que viabiliza a psicanálise como método de cura.

Estes conceitos básicos são os eixos que organizam o edifício teórico de um paradigma chamado psicanálise, mesmo que interpretados de forma distinta nos diferentes modelos contemporâneos. Perspectiva que fundamenta a proposta de dialogar, no sentido de explicitar semelhanças e diferenças, numa aproximação com o múltiplo e o singular, com a diversidade da psicanálise.

Freud, no final de sua obra, elaborou a solução para três problemáticas que desafiaram a psicopatologia: (1) o sintoma vinculado à representação na neurose, (2) o sintoma da angústia no traumático e (3) a expressão em ato na não neurose. E, hoje, nos diálogos psicanalíticos contemporâneos, a representação, a sexualidade infantil, o narcisismo, o Complexo de Édipo e a pulsão de morte estão, mesmo, tão diferentes como paradigmas nos desafios atuais das neuroses, dos traumas e nas não neuroses?

Na perspectiva dessa indagação, para os próximos dois anos, a Diretoria Científica da SBPdePA pensou atividades científicas inspiradas na comemoração dos Cem anos da Metapsicologia para dialogar com os fundamentos da psicanálise. Batizamos de Roda de Conversa o espaço científico para diálogos psicanalíticos, com a proposta de uma interlocução com o legado de Freud e com os posteriores modelos de autores da psicanálise. Lembramos de velhas cenas que poderiam conter novos detalhes. A ideia é dialogar com o antigo e com o novo, pensar, desde Freud, sobre vigências e divergências na psicanálise atual. Pensamos em descobrir coisas novas daqueles velhos tempos e indagar se o atual criou diferenças. Se, afinal, a psicanálise contemporânea identifica as demandas atuais e se, e como, desafiam o método.

Iniciamos o ano no Encontro com Gloria Gitaroff, da APA de Buenos Aires, com o tema: "Escrever sobre Psicanálise." Com a proximidade do 30º Congresso da Fepal, em setembro, inauguramos a Roda de Conversa, convidando a um diálogo sobre o tema "Realidades e Ficções". Estudamos dois trabalhos publicados sobre a formação analítica e dois trabalhos sobre as ideias desses autores sobre realidades e ficções. Mas, principalmente, dialogamos sobre o tema Realidades e Ficções.

Com muita alegria, recebemos os nossos escritores e suas obras inteligentes. Celso Gutfreind apresentou, em maio, seu livro A Infância através do Espelho, comentado por Caroline Milman e Thais Starling. Em junho, Ignacio Paim apresentou seu livro A Metapsicologia à Luz da Pulsão de Morte, comentado por Katya de Azevedo Araújo e Lisia Leite.

Receberemos, em julho, Victor Guerra, da APU, do Uruguai, que apresenta seu estudo "Indicadores de Intersubjetividade" de 0 a 12 Meses: do encontro de olhares ao prazer de brincar juntos. Será uma Jornada coordenada pelo NIA.Em agosto receberemos a visita do Jacques André, da APF de Paris, para uma discussão clínica. Como preparação, teremos um estudo prévio de sua obra na Roda de Conversa de agosto.

Estão previstas para os meses de setembro e outubro duas Rodas de Conversa preparatórias para o II Encontro sobre Freud. Agendado para novembro, convidamos Ricardo Avemburg, da APdeBA, de Buenos Aires, para os Diálogos com Freud: Diálogos Psicanalíticos Contemporâneos: coi-sas novas daqueles velhos tempos. Velhas cenas novos detalhes? A Metapsicologia faz cem anos!

A proposta consiste em abordar o narcisismo hoje – a teoria do narcisismo: releitura e atualizações; o Édipo hoje – o modelo do complexo de Édipo: releituras e atualizações; a representação hoje, tempo da palavra? Quando o tempo é sem tempo, tempo do trauma? E a pulsão de morte hoje? Tempo do ato? Quais demandas atuais desafiam o método?

Temas que se estenderão também no próximo ano, pois o Congresso da Febrapsi, em São Paulo, no mês de outubro de 2015, propõe o tema Sonho/Ato. A representação e seus limites. 100 anos da metapsicologia.

Nosso projeto de estudo nas atividades científicas da SBPdePA mantém convergência com o tema do congresso e talvez estimule os colegas a escrever e inscrever seus trabalhos.

Para divulgar a psicanálise, na atividade que se chama A Brasileira na Cultura, a proposta é de uma interlocução entre a psicanálise e outras áreas de conhecimento. Mantemos a ideia de con-

vidar ao diálogo entre o antigo e o novo. Daquelas velhas cenas que poderiam conter novos detalhes, agora num outro fórum de debate. Pensamos em descobrir coisas novas daqueles velhos tempos, e indagar se o atual criou diferenças. Então surgiu o tema parentalidade, propício para se pensarem várias perspectivas: futebol, família, infância, adolescência e religião.

No tema futebol, indagamos sobre a sua relevância e as suas novas configurações identificatórias; no tema família, examinamos a função parental na perspectiva atual, a homoparentalidade, a adoção, as novas origens e os novos desafios; a infância em versões contemporâneas. Sobre adolescência, indagamos sobre a influência dos dispositivos virtuais (como o *WhatsApp*); parentalidade e religião, sobre os ideais, o sacro, o laico e profano.

A Diretoria Científica é composta por Christiane Paixão, Cibele Fleck, Katya de Azevedo Araújo, Luciana Schmal e Maria Isabel Pacheco. Reunimo-nos às sextas-feiras, a partir das 14 horas, em animadas e criativas reuniões, num trabalho agradável de estimular o amor à psicanálise e o intercâmbio científico em nossa sociedade. Sejam bem-vindos, sempre esperamos por ideias.•

Aula inaugural

Magda Barbieri Walz
Presidente da AMI e Membro do Instituto da SBPdePA

A Aula Inaugural é um evento que acontece em parceria com o Instituto de Psicanálise e a Associação de Membros do Instituto da nossa Sociedade. Neste ano, programamos uma conferência com o Dr. Luiz Carlos Menezes, da Sociedade Psicanalítica de São Paulo. A seguir, faço uma breve resenha na tentativa de lhes contar o momento lúdico que vivemos neste encontro.

Os Im-possíveis do Sexual

Dr. Luiz Carlos Menezes, em sua conferência, fala do contraponto cultural às errâncias do sexual. Ele retoma de forma muito cuidadosa os Três Ensaios de Freud com um objetivo bastante claro: relembrar-nos acerca da "descoberta radicalmente inovadora sobre a natureza do sexual no ser humano, em cuja base há que considerar um 'afrouxamento' da conexão entre pulsão e objeto". Ou seja, o elemento original freudiano, o universal dessa descoberta, refere-se à perversão polimorfa das pulsões. Elas "vão sofrer transformações sublimatórias, recalques; vão engendrar sintomas, sonhos e transferências nas análises, como nas religiões, impregnando todas as realizações humanas". Com esse pano de fundo, Menezes percorre o filme Laurence Anyways, de Dexavier Dolan (2012), e vai nos mostrando as diversas facetas do afrouxamento entre pulsão e objeto.

Laurence é casado com Fred, e ambos vivem um intenso e tumultuado amor, com uma vida erótica e divertida que parece alegrar o casal. Após dois anos de relacionamento, Laurence diz a sua esposa (Fred) que não aguenta mais e precisa contar-lhe do seu desejo de ser mulher. Diz que tem horror às características masculinas de seu corpo e aversão aos seus genitais. Quer ser mulher, embora seu desejo sexual não esteja voltado para os homens – a sua vida amorosa é com mulheres.

"O Complexo de Édipo é onde cada um vai encontrar, nos destinos pulsionais, as suas possibilidades de ser na vida, assim como seus impasses."

A mãe confirma a Laurence que o vestia como menina na infância e que ela o via como uma filha. Seu pai vivia num mundo à parte, inerte em frente à televisão, e quando o filho tenta falar com ele o pai lhe diz: "Espere o intervalo".

Freud, alguns anos antes de Totem e Tabu, fala-nos da sexualidade humana, observando que o bebê se encontra em uma relação intensamente corporal com a mãe, e esta, mobilizada em suas fantasias inconscientes pela relação íntima vivida na maternidade. Somos atropelados pelas pulsões, e estas exercem grande importância para o "conjunto da vida psíquica da pessoa que esta criança virá a ser, para seu apetite pela vida, para o prazer que terá em suas atividades físicas e intelectuais, para seus sentimentos de existir, para sua capacidade em desejar e ser".

Lacan nos traz o conceito de Metáfora Paterna, operação de recalcamento fundadora. O que se vai desenhando é a constituição narcísica do sujeito, "os desafios e incertezas do Complexo de Édipo e a constituição da economia desejante do sujeito em relação ao seu corpo sexuado e ao dos objetos do seu desejo. Neste terreno se constroem posições sexuadas e os ideais que norteiam a vida do sujeito, com base em identificações que resultam na diferenciação entre o sexo masculino e feminino".

Laurence torna-se um escritor e poeta conhecido. Passa a vida escrevendo cartas para Fred sem as nunca enviar. Aproxima-se dela novamente quando a presenteia com um livro seu, e voltam a se encontrar. Fred lhe pergunta se estava arrependido por sacrificar a felicidade deles, e ele responde: "Eu não me arrependo de levantar toda manhã e ver o reflexo no espelho que sempre quis ver".

O que mais intrigou nosso conferencista nesse personagem é que "este 'tornar-se mulher' apresenta-se a ele como uma necessidade tão premente, tão essencial, a ponto de ser mais importante que uma vida amorosa na qual estava intensamente envolvido e que era motivo de felicidade para ele, sem falar nos prejuízos para sua vida profissional – era professor de literatura, fora demitido, ficando sem nada, além da rejeição social".

Menezes encontra como ponto de partida para a sua questão o conceito de "sinthome" desenvolvido por Lacan. O sinthome é "abordável em cada caso singularmente" (MOREL, p.8). É uma formação sintomática com a função de operar como barreira contra o incesto, em cuja base está a "Jouissance Materna", e o sujeito só pode se construir como sujeito de desejo com as garantias dessa barreira.

O autor fica com a hipótese de que, para Laurence, "ser mulher" teve função de sinthome. Dessa forma, encontra condições para inserir-se em uma vida desejante afirmativa: "Isto sou eu..." por sua função demarcadora do desejo materno. Precisa sustentar um diálogo de mulher para mulher para ser alguém junto à mãe. Revela seu amor edípico ao encontrar-se com a mãe: "você está linda", o que só podia dizer a ela desde um filho-filha. E a mãe anima-se a lhe responder: "Você também está linda".

Em sua "metamorfose", Laurence movimenta-se de forma autoterapêutica, possibilitando um apropriar-se de sua vida, mas também parece ter reavivado em sua mãe o desejo de viver. Ela volta a pintar e presenteia Laurence com um quadro.

Ao final da conferência, fica-nos a ideia de que as novas configurações ou laços do sexual em nosso tempo revelam mais uma vez a tese de Freud acerca da constituição da sexualidade, ou seja, dessa relação de "afrouxamento" entre a pulsão e o objeto. Nesse sentido, o desafio sempre novo a cada psicanalista é o de deparar-se com essa situação sem situá-la como aberração. É um sinthome, como nosso conferencista afirmou.•

Centro de Atendimento Psicanalítico

A tecnologia a serviço da psicanálise

Os desenvolvimentos culturais e tecnológicos proporcionaram inovações à clínica psicanalítica. O investimento em novas tecnologias possibilitou ao CAP a construção de um banco de dados informatizado que vem sendo utilizado para a melhor aprendizagem e o desenvolvimento dos preceitos teórico-clínicos da psicanálise, servindo também de base para a pesquisa. Em recente levantamento, verificou-se significativo aumento do número de pacientes que procuraram atendimento no CAP por intermédio do site da SBPdePA, o que aponta para uma nova alternativa de acesso ao tratamento psicanalítico.

O grupo de analistas ligados ao CAP vem debatendo esses e outros aspectos envolvidos no desenvolvimento do processo analítico, tais como o encaminhamento, os valores de consulta, a frequência, as primeiras entrevistas, o ritmo, a transferência, a contratransferência. Essas discussões geraram bons frutos, como o artigo Primeiras entrevistas: reflexão em torno da adesão ao tratamento em pacientes recebidos através do Centro de Atendimento Psicanalítico da SBPdePA, a ser publicado na próxima edição da Revista Brasileira de Psicanálise.

Somando-se a outros espaços científicos da SBPdePA, no dia 30 de maio foi realizada uma Reunião Clinica com a contribuição dos comentários do Dr. Celso Halperin – bom momento para trocas profícuas sobre a clínica psicanalítica, em especial a que vem sendo desenvolvida no CAP.

O Centro de Atendimento Psicanalítico continua aberto a novos colegas que queiram integrar o grupo de analistas que recebem pacientes da comunidade a valores mais acessíveis. Além de crianças, adolescentes e adultos, a proposta de atendimento foi ampliada para incluir casais e famílias. Esse foi um passo importante de abertura da proposta da Psicanálise Vincular, aprovada em assembleia geral da SBPdePA.

As reuniões continuam com frequência mensal: na 1ª sexta-feira, das 13:30 às 14:45, e na 2ª quinta-feira de cada mês, das 20:15 às 21:30.•

Denise Zimpek Pereira
Coordenadora do CAP e
Psicanalista da SBPdePA

Notícias dos núcleos e comissões

O NIA da Brasileira, no segundo semestre de 2013, em conjunto com a Comissão Científica da Sociedade, esteve envolvido com mais um importante evento de dimensões internacionais: o XXI Encontro Inter-Regional de Crianças e Adolescentes da Federação Latino-Americano de Psicanálise (FEPAL), sob o título de *Brincar, Criar e Viver na Atualidade: Impactos da Cultura Sobre a Criança e o Adolescente - Uma Interlocução entre Psicanálise e Educação*. Realizado em Porto Alegre, em nossa nova sede, o evento reuniu um grande público, o qual teve a oportunidade de debater e trocar experiências com colegas de diversos países da América Latina.

Para este segundo semestre está planejada uma atividade conjunta entre o Núcleo de Vínculos e Transmissão Geracional, o NIA, e o Núcleo Pró-Criar da SBPdePa, abordando questões relativas a infertilidade, adoção, funções parentais e homoparentalidade, temas atuais diante das novas configurações familiares que suscitam várias interrogações acerca da subjetividade das crianças e dos vínculos parento-filiais.

Já o grupo Procriar começou suas atividades de 2014 participando do Café Cinema, debatendo o filme "De repente pai". O grupo também realizou, em maio, um encontro e supervisão com a Dra. Letícia Fiorini, presidente da APA. Também ampliou o espaço de estudo através de um grupo aberto à comunidade que acontece às quartas-feiras das 10h às 11h. O grupo ainda possui vagas, portanto, os interessados estão convidados a participar.

O Núcleo de Vínculos e Transmissão Geracional passou a contar, a partir desse ano, com a participação do colega Paulo Ferreira Picarelli. A temática deste ano dos estudos deste Núcleo centraliza-se no enfoque da infertilidade no casal, tendo a questão do corpo vincular como um destaque importante. O grupo mantém, ainda, atividades de estudos regulares com Janine Puget, psicanalista argentina, que desenvolveu, junto com Isidoro Berenstein, conceitos fundamentais para a Psicanálise Vincular.

O Núcleo Psicanalítico de Florianópolis está com diversas atividades programadas para o segundo semestre. A cada mês é discutido um tema diferente como, por exemplo, "A Clínica Psicanalítica das Psicopatologias Contemporâneas", por Gley Costa, "Entre a recordação e o destino: a repetição", por Norberto Marucco e "O Eixo narcísico das depressões, por Daniel Deloya.•

Movimentos

Eventos e participações

Muitos dos membros da Brasileira vêm representando a instituição em eventos externos à sociedade neste primeiro semestre. Helena Surreaux ministrou seminários em junho e julho de formação por *Skype* e presencial e conferências de difusão da psicanálise para os grupos de estudos da Fepal (Equador e Honduras) através do ILAP (Instituto Latinoamericano de Psicanálise). Em 30 de maio realizou supervisão coletiva em videoconferência por *Skype* durante a Jornada *"Vida Psíquica...Sus Expresiones"*. Em março, José Luiz Petrucci coordenou o seminário sobre a obra de Melanie Klein no Grupo de Estudos Psicanalíticos de Fortaleza.

Estiveram representando a SBPdePA Maria Isabel Ribas Pacheco na Cowap e Beatriz Behs na Comissão de Educação em Psicanálise da IPA. Celso Gutfreind recebeu o público na SBPdePA para o coquetel de lançamento do seu livro "A infância através do espelho - a criança através do adulto, a literatura na psicanálise", no dia 30 de maio. Ignácio Paim lançou, no dia 6 de junho, a obra *"Metapsicologia - um olhar à luz da pulsão de morte"*, também com coquetel na SBPdePA.

Júlio Campos fundou um grupo de estudos pela Fepal intitulado *"Psicanálise da Genialidade"*. Angela Piva participou como representante do Brasil no XX Congresso da Federação Latino-Americana de Psicoterapia Analítica de Grupos (FLAPAG), em novembro de 2013, em Buenos Aires.

Com palestrantes convidados, a Brasileira foi representada por Ana Rosa Chait Trachtenberg no Encontro Fepal/SBPSP: *O Mal Estar na Família - Realidades e Ficções* no dia de 5 abril como debatedora de material clínico, no Seminário do Núcleo de Estudos Psicanalíticos de Salvador dia de 17 maio e na Conferência no *IX Encontro Estadual dos Psicólogos e Assistentes Sociais do Poder Judiciário de Mato Grosso do Sul* - Campo Grande, em 30 de julho. Também foram convidados a palestrar Roberto Graña, na Atividade Científica do Instituto Contemporâneo: A invenção da psicanálise, no dia 22 de março, no 4º colóquio carioca sobre psicanálise e família em 12 de abril, na palestra do GEP de Goiânia nos dias 16 e 17 de maio e na Atividade Preparatória do Instituto Contemporâneo para Jornada com Elizabeth Roudinesco, dia 25 de abril.

Celso Gutfreind em lançamento do seu livro na Brasileira

Gley Costa foi palestrante convidado da Universidade do Bebê (UNIBBSUL) – Pelotas/RS no dia 11 de abril e da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) e no Evento: III Jornada de Infância e Adolescência (Convidados: Virgínia Ungar, Victor Guerra e Gley P. Costa) nos dias 30 e 31 de maio.

Celso Gutfreind concluiu sua formação em Psicanálise Infância e Adolescência em março e Natali Shan finaliza sua formação em psicanálise no final do primeiro semestre.•

O luto contemporâneo

Celso Gutfreind
Psicanalista da SBPdePA

Há mais proximidade entre religião e psicanálise do que a nossa vã consciência imagina, parodiando Shakespeare, que tanto mostrou que há mais proximidade entre literatura e psicanálise do que a nossa vã consciência poderia imaginar.

A amizade entre Sigmund Freud e Oscar Pfister é hoje bem conhecida. O cientista Freud tentava provar ao pastor Pfister o quanto a ciência que ainda inventava era distante da religião já conhecida. O interlocutor as considerava meio próximas na forma e no conteúdo. O resultado foi uma discussão frutífera, religiosa e científica a um só tempo.

Hoje, são muitos os estudos que aproximam as duas áreas, pinçando na obra de Freud momentos no mínimo sagrados, senão religiosos mesmo como, por exemplo, quando vemos o quanto a leitura repetida e constante dos textos (sagrados?) psicanalíticos evoca o trabalho dos talmudistas, lendo e relendo semana a semana a Torah.

De fato, hoje são tempos em que certas fronteiras conceituais parecem abolidas como a da ciência e da arte ou a do popular e do erudito. Aproxima-se do que foi (e já passou) definido como Pós-modernismo, mas, agora, retomamos religião e psicanálise para pensarmos, sobretudo, que hoje são tempos de pouco tempo.

Tempos de pouco tempo.

Veio da religião judaica a cerimônia de inauguração de túmulo (descoberta de matzeiva), realizada um ano após a morte do familiar. Seus próximos retornam ao cemitério e rezam novamente em torno do túmulo recém-inaugurado.

De onde mais Freud retiraria a inspiração para, em Luto e Melancolia (1917), obra preciosa sobre o tema, assinalar que é preciso em torno de um ano para realizar o luto em suas identificações com o morto a fim de realmente elaborá-lo, evitando a melancolia? O prazo (o tempo) inspirou não somente a psicanálise, mas também a psiquiatria. Até as edições mais recentes do Manual Americano para diagnósticos mentais (o DSM), o mesmo tempo ou prazo era atribuído.

E hoje?

Hoje descobertas de matzeiva são realizadas alguns meses depois da morte. E a mais recente edição do DSM (a quinta) reduz o prazo dito normal de um luto, em alguns casos, para quinze dias. O mesmo pode valer para a movimentação, hoje menor, de cristãos chorando seus mortos no Dia de Finados.

Da religião à ciência, nossas instituições sugerem (ou expressam ou impõem) que é preciso apressar-se. Aqui, retira-se o tempo necessário para o trabalho árduo e inevitavelmente prolongado de um luto, tão bem descrito por Freud em seu clássico artigo, escrito há tanto tempo. Refletir sobre tudo isto numa breve crônica revela que também os escritores não estão imunes a certa pressa e superficialidade. De fato, eis um assunto para não duas, mas sim muitas páginas.

E, fora delas, já não há tempo para conviver com o morto.

Já não há tempo para conviver com a morte.

Já não há espaço para conviver com a tristeza. É preciso virar a página rapidamente.

Ocorre que, na alma humana (ou na mente, conforme o ponto de vista), há muito trabalho para se virar uma página. Toda uma história precisa ser construída e revista e sentida novamente para ser elaborada com sentimento e pensamento, a fim de que possa abrir o estofo ou o espaço para o próximo capítulo.

Este espaço indispensável depende de largo tempo. Este tempo não é mais oficialmente defendido. Na ânsia de que tudo passe logo e nada seja sentido, apressa-se a noção de que o morto vá logo em paz.

O resultado é que a paz dos vivos, numa aparente calmaria e num clima anódino sem pranto nem tristeza, fica comprometida. Para sempre.•

Freud, o escritor de cartas

Ignácio Paim Filho
Psicanalista da SBPdePA

Como sabemos, o escrever faz parte da história de Sigmund Freud. Escrever que remete ao seu compromisso em construir sua ciência. Porém, antes de tal pretensão, já encontramos na pré-história do investigador da alma humana, um jovem ávido de compartilhar suas inquietudes, o que fará através de um modo de comunicação, que o acompanhará por toda a existência: o escrever cartas. Nesse sentido, Freud o escritor de cartas, pode ser considerado o germe primário do Freud criador e escritor da psicanálise.

Sendo assim, é sobre o escritor de cartas, com uma vultosa coleção de missivas, que pretendo me ocupar na presente comunicação – transitando pelo virtual da palavra impressa, que pulsa buscando um destinatário. Parto do seguinte interrogante: qual a relação possível entre essa forma de comunicação virtual, predominante no século XIX e boa parte de século XX, e a virtualidade da comunicação – via internet – que inicia sua hegemonia no final do século XX? Para tecer especulações sobre essa questão, faz-se necessário contextualizarmos, brevemente, que demandas estão implicadas na configuração do ser contemporâneo e o meio cultural.

O homem, como um ser da fala, sempre esteve ocupado de presentificar o outro em sua ausência. Esse processo vai ganhar maior envergadura com a criação da palavra escrita. A escrita expandirá a expectativa do poder evocar e o convocar a interação entre os indivíduos, não somente na presença, mas, sobretudo, nas ausências. Com o surgimento do envio de cartas, de forma sistemática, no final do século XVIII, esse meio de comunicação ganhou maior relevância. Amplia-se a possibilidade – virtual – de estabelecer um diálogo com alguém que se encontra distante. Essa narrativa tem por meta extrair de cada palavra o máximo de sua essência; cada frase está comprometida com a expectativa de aguçar a atenção do leitor. Cenário compatível com sua proposição: a saudade pode ser mitigada; os enamorados podem se acarinhar, através da palavra impressa no papel; negócios podem ser encaminhados; decisões podem ser compartilhadas; questões podem ser levantadas... Enfim, o homem pode trazer para diante de si – "alucinação positiva" – esse outro que não está presente, mas que é objeto do seu desejo de (re)encontro.

Nessa forma de comunicação virtual, temos o que podemos chamar uma via longa: um emissor – um caminho de trânsito – um receptor. Caminho esse que pode durar de dias a semanas: tempo e espaço mantém entre si uma relação tridimensional. Existe um tempo de espera, tempo que permite ao emissor conjecturar, fantasiar, refletir, ponderar..., tempo de deixar as ideias circularem: o princípio do prazer confrontando-se com o princípio da realidade. A falta se faz presente e cria condições para a inscrição simbólica das renúncias do imediatismo do desejo narcísico. O silêncio que se dá entre a emissão da mensagem e o retorno dessa tem um significado em potencial de alargar a capacidade de pensar e sentir; ambiente propício para o advir de metáforas.

Entretanto, a virtualidade da comunicação, em tempo dos correios eletrônicos, traz em cerne um colabamento do tempo e do espaço: relação bidimensional. Via curta: um emissor – um caminho de trânsito – um receptor. Contudo, esse caminho está pressionado pela demanda de instantaneidade da resposta do receptor. Aqui, pensamos e trabalhamos para uma comunicação em tempo real. A narrativa empobrece, a palavra se desloca em sentido do símbolo, correndo o risco de perder sua capacidade simbólica. Esperar é sentido como pura perda de tempo, que denuncia o nosso imediatismo e, de forma subliminar, nossa indignação e confirmação, quando da demora do retorno, do desamor do outro. Impera a necessidade de mantermo-nos conectados diuturnamente. Probabilidade de ficarmos tal qual Narciso, diante da sua imagem refletida no espelho das águas, petrificados.

Contudo, essa forma de buscar a interlocução entre os indivíduos tem, por outro lado, suas vantagens. Promove com mais dinamismo o (re)encontro, a comunicação pode se dar por vários caminhos. O ser contemporâneo tem acesso interativo com o mundo de forma facilitada: oriente e ocidente portam-se, cada vez mais, como se o sol nunca se pusesse, como se fusos horários inexistissem. Muitas vezes, o anonimato propiciado pela "tela protetora" do computador, sem imagens, pode ser um elemento liberador, para que se dê uma comunicação com menor dose de censura. Temos, seguramente, um avanço com o advento da virtualidade da comunicação. Todavia, o fator intensidade segue cumprindo a função de denunciar o viés psicopatológico, ou seja, quando a virtualidade dessa forma de comunicação predomina e captura nossos sentidos, em detrimento do encontro real. Encontro que instaura peculiaridades, que marca singularidades: o cheiro, o olhar, a temperatura, o contato, conjuntamente a tonalidade afetiva da palavra endereçada sem intermediários.

Freud, como um homem de seu tempo, ápice dos intercâmbios por cartas, vai se utilizar desse meio de comunicação virtual como forma de (re)aproximação das pessoas que lhe são significativas. Autoriza-se a correr o risco de que suas correspondências não sejam correspondidas. Nelas, vai nos relatar suas vivências, tais como: as lembranças da infância em Freiberg – correspondência com Eduard Silbertein (1871-1881); as saudades e o enamoramento por Marta, sua noiva, quando dos seus afastamentos – correspondências de amor (1882-1886); e necessidades de compartilhar com Fliess – via o que podem ser consideradas epístolas – suas ideias, afetos e todo o universo que vai permear sua autoanálise (1877-1904). A partir dessas correspondências, que podem ser consideradas como originárias, Freud segue suas trocas de cartas com vários interlocutores, transitando pelas questões pessoais e as pertinentes à psicanálise. Entre eles, merecem destaque: Ferenczi, Abraham, Jung, Pfister, Lou Salomé, Mari Bonaparte e Arnold Zweig.

Cabe retomar, com destaque, o fato de Freud desenvolver sua autoanálise via o intercâmbio de suas missivas. Temos aí um sujeito indo além do seu tempo, quem sabe, um precursor do que estamos vivendo: análises sendo efetivadas via a virtualidade que a internet propicia. Quero crer que Freud pode ser uma boa referência sobre uso provido da comunicação virtual. Suas cartas são um convite ao diálogo e uma alternativa para suprir a impossibilidade do encontro. Diante disso, temos posto que a destrutividade não está na ferramenta, antes na forma pela qual usamos os recursos que estão a nossa disposição. O homem como um ser desejante, com sua potencialidade ética, pode e deve se implicar na responsabilidade pelo seu destino e da cultura.

Tempo de transformação do mundo virtual, das cartas, do século passado para a virtualidade das correspondências do século XXI – a comunicação se globaliza, as fronteiras tornam-se mais tênues e a subjetividade com sua singularidade entra em declínio. Desafio que se impõe ao ser contemporâneo: poder transitar pela virtualidade, sem deixar-se perder no labirinto das indiferenciações. Poder sustentar o ganho que temos em utilizar a facilidade de acesso ao outro, como veículo que potencialize o desejo do encontro, com seus desencontros, permeado pela ficção do real.•

2014: Tratamentos virtuais

Júlio Campos
Psicanalista da SBPdePA

Lembro perfeitamente da primeira vez que percebi o uso de técnicas virtuais no processo de tratamento psicanalítico. Foi há cerca de 25 anos, quando soube que um prestigioso colega atendia seu paciente por telefone. Os dados me foram trazidos por um analisando que, com elegância, excluía meu colega de culpa por este crime ao dizer que o analista fora obrigado pelo seu cliente a assumir aqueles riscos. Em realidade, o que ocorreu foi uma mudança, de limitada duração, por motivos de saúde, e seria muito difícil, talvez impossível, que fosse encontrado um analista provisório naquele lugar. Recordo haver ficado um tanto cético com os possíveis resultados daquela tentativa. Mas também tenho presente uma certa admiração pelo colega, em especial quando soube que ele havia conseguido manter o *setting*, com frequência de sessões e horários inalterados.

Tive, depois disto, muito tempo para me reciclar de forma que, quando chegou minha vez de decidir, em circunstâncias parecidas, não tive dúvidas de uma resposta positiva. Hoje, posso dizer que tenho experiência dos "dois lados do balcão", como analista e como analisando, já que durante quase quatro anos me analisei por Skype. Claro que não invocarei nenhum argumento como analisando por uma clara noção de que minhas opiniões podem ser idealizadas.

As primeiras experiências como analista se deram dentro de um contexto de viagens também. Só que nunca envolveram doenças, como no caso do colega citado. Pode-se dizer que sempre tive um certo desconforto em cobrar as horas não comparecidas ao consultório e a internet me apresentou uma solução bastante potável. Comecei a ficar à disposição, no consultório, durante as viagens dos analisandos, e via minha invenção render frutos. Nunca mais, que me lembre, tive esse desconforto com as horas perdidas, embora a maioria dos meus clientes adotasse esta variante em algumas poucas viagens de trabalho. Mas minha disposição gerou duas consequências visíveis: por um lado, passei a seguir tratamentos temporários de pessoas que se mudavam daqui para outras cidades, com a consigna de que este atendimento pudesse continuar sendo presencial quando a pessoa voltasse a residir em Porto Alegre. Mas ocorreu que alguma não voltou. Que fazer nestes casos? Interromper o trabalho? Uma segunda consequência de disponibilizar atendimento durante viagens dos pacientes foi ter o chamado de algum paciente, desde sua casa, por *Skype* ou telefone. Imagino que a grande maioria dos colegas interprete esta situação como *"acting out"*. Eu também interpretava. Até que me encontrei com a seguinte situação. Um colega, em quem deposito a minha maior confiança como psicanalista, analisava, com muitas sessões por semana, a uma jovem arquiteta. O trabalho tinha, como característica marcante, o "pouco comprometimento" da paciente, com chegadas tarde e muitas faltas. Devido a uma viagem de estudos, que durou pouco mais de um ano (estudo mais "cura geográfica"), a paciente passou a se tratar por Skype, com uma modificação inesperada em sua conduta: praticamente não se atrasava nem faltava às sessões. O mais interessante de tudo foi que este ganho, quando de sua volta às sessões presenciais, se conservou.

Tenho curiosidade de saber como os colegas explicam este fato. Na esteira desta história, volto ao paciente que me chama desde sua casa. Acho que não atendê-lo seria ignorar suas resistências, ou melhor, dar-lhe uma carraspana com o sentido de que ter dificuldades de tratar-se é um coisa ruim, danosa para o trabalho conjunto e que a pessoa deve se esforçar para superar. Mas a resistência não é inconsciente? O que podemos fazer quando a pessoa tinha decidido não vir e, na última hora, se arrepende e nos chama. Eu opto por atendê-la, sempre considerando que esta não é a única nem a melhor das soluções.

Uma questão fundamental é a levantada por todos os poucos autores que tratam do tema, como é o caso do artigo na última Revista Brasileira de Psicanálise (Volume 48). O que preocupa os colegas é o *setting* e as possíveis modificações que necessitem para adequar-se aos novos tempo. Penso que a questão é mais abrangente do que uma modificação técnica. Tanto que os filósofos da era digital já dividem o mundo em dois grupos: os imigrantes e os nativos digitais. Esta mesma diferença de percepção do mundo se vê melhor, me parece, desde outro ângulo. A igreja católica insiste que o pecado pode ser cometido em pensamento, palavra ou ato, todos tendo a mesma categorização: pensar em matar alguém é o mesmo que matá-lo de fato. É claro que sabemos qual a intenção da igreja ao fazê-lo, mas o que me interessa aqui é que os padres, com a profunda sabedoria gerada pela necessidade, conseguiram uma compreensão muito profunda dos três modos de funcionamento do nosso psiquismo. Pois bem, este modo está sendo alterado, pela primeira vez em séculos, com o surgimento do digital. Agora, o pecado pode ser cometido em pensamento, palavra, digitalmente e com atos. Portanto, não se trata somente de modificar o setting para adequá-lo às modernas invenções mas de, possivelmente, fazer um up grade na nossa forma de pensar. Para que possamos produzir tratamento virtuais, se for o caso, e não virtuais tratamentos em todos os casos.•

Comunicación virtual en la relación analítica

Gloria Gitaroff
Psicanalista da APA
(*Asociación Psicoanalítica Argentina*

Mario nació y vivió en Buenos Aires hasta que un día se fue a estudiar al exterior y otro día, terminado sus estudios, decidió quedarse a vivir. Lejos quedó su idioma: el de la infancia, la intimidad, el insulto, el chiste, la ironía.

Intentó sin éxito analizarse; no sentía que pudiera hablar de sus cosas en otro idioma que no fuera el suyo. En un momento conoció a Juana, también de Buenos Aires, que se había mudado a la vecindad. Al enterarse de que continuaba su tratamiento por *Skype*, le contó su situación, y ella le ofreció consultar a su analista, por algún analista para él.

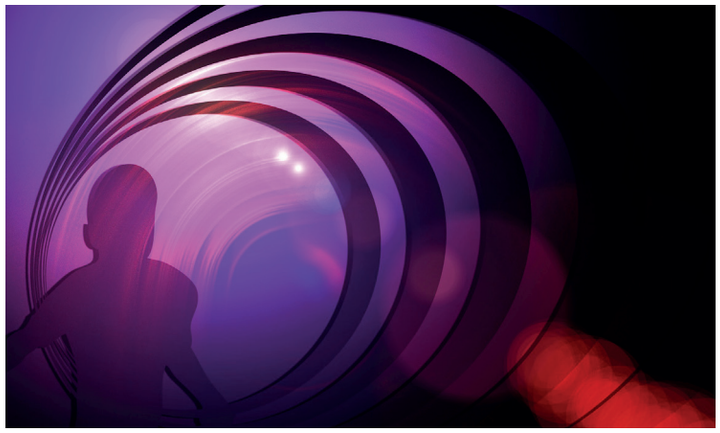
Esto me decía una supervisada, a quien Mario había sido derivado; me traía sus dudas con respecto a una situación atipica: aceptar analizarlo en esas condiciones.

Las dudas no provenían de analizarlo a la distancia, sino de iniciar un tratamiento por Skype desde cero, esto es, sin haber conocido personalmente al paciente.

Antes de continuar, quiero decir que utilizar los medios técnicos de que se dispone al servicio del psicoanálisis no es nueva, sino que tiene larga data. Freud se "analizó" en su correspondencia con Fliess y supervisó por carta a Lou Andreas – Salomé y otros discípulos. Mauricio Abadi, por su parte, llevó adelante tratamientos por fax, y ya en el 2003 siete analistas en el Suplemento En Profundidad de la IPA dieron su opinión sobre el análisis por teléfono. Había voces a favor, otras tibias y otras decididamente en contra, considerando que "no es psicoanálisis".

Ahora es el tiempo de discutir sobre el uso del *Skype*, entre otros recursos tecnológicos de que disponemos, en qué circunstancias sí y en cuáles no, cuándo y cómo, y con qué patologías; en que medida es una cuestión de encuadre, o se vulneran los principios básicos del psicoanálisis.

Sin duda que la riqueza de elementos que otorga al analista y al paciente un psicoanálisis "tradicional" son preferibles, pero es indiscutible que la tecnología permite continuar un análisis en forma transitoria o permanente, en situaciones como la emigración, una ausencia prolongada, una enfermedad, e incluso cuando el tránsito cada vez más complejo de las ciudades, vuelve extenuante o imposible el traslado de la casa al consultorio. Cabe la pregunta si preservar el vínculo analítico en esas situaciones no es terapéutico en sí mismo.



El avance tecnológico es un fenómeno reciente y complejo, que introduce modificaciones no solo en la forma de comunicarse (o no comunicarse) repercute en la subjetividad, y presenta múltiples aristas a considerar, y entre ellas la no menor de que nos toca ser a la vez espectadores y actores de estos cambios, sin la necesaria distancia histórica para estudiar hechos que nos involucran.

Mi interés por traer a Mario en particular reside en que es una de las múltiples cuestiones clínicas que pueden presentarse. No solo es un análisis que reemplaza la presencia por la imagen en una pantalla, como todo tratamiento virtual, tiene el plus de que esa imagen no podía construirse a partir de una presencia anterior.

Decidimos que la analista iniciara lo que Freud llama "un tratamiento de prueba" para sopesar la viabilidad del encuadre. Se investigaron los motivos de su búsqueda de un analista directamente por *Skype*, la necesidad de analizarse en su idioma natal, su emigración así como la incidencia de la de sus padres,

Por el lado de la analista, quedó abierta la pregunta acerca de qué de ese esfuerzo extra que sentía provenía del encuadre, y qué de elementos reprimidos resistenciales suyos no interpretables al menos en ese momento del análisis.

Después de un año de tratamiento, el paciente viajó a Buenos Aires por un mes. La primera sesión en el consultorio fue embarazosa para ambos, se sentían "raros" por conocerse tanto y al mismo tiempo, encontrarse por primera vez. Incluso raros por escuchar sus voces, distintas a las que llegan por *Skype*. Transcurrido el mes, se produjo la situación inversa: volver a la imagen de la pantalla. Tuvieron oportunidad de analizar la ansiedad de separación, la pérdida, y la recuperación de las condiciones anteriores al viaje, si bien enriquecidas.

En general, la relación analítica presencial previa a continuar con un análisis a la distancia el reservorio que compensa, en alguna medida, la ausencia física, y que permite que el riesgo de distorsión virtual del tratamiento disminuya notablemente, si puede ser detectada y analizada. Uno de los temas a trabajar ciertos mecanismos de defensa como la idealización, con el riesgo para el paciente de convertir al analista en el único analista posible.

La experiencia de haberse encontrado le dio otro matiz al encuadre, otorgándole lo que les había faltado: la rememoración de la presencia, para asimilar las mutuas imágenes de otra manera. Había disminuido el plus de ausencia y de distancia, y se convirtió en un análisis virtual "normal."

Después de haberse visto en Buenos Aires, Mario sigue con su análisis a distancia, y los temas se fueron deslizando de la pregnancia de la no presencia concreta de ambos a otros temas, aunque la analista no ha dejado de pensar, de vez en cuando, cuánto menos esfuerzo sería para ambos compartir la misma geografía.•

O virtual na técnica psicanalítica

Ana Paula Terra Machado
Psicanalista da SBPdePA

Uma das questões que vem ocupando o debate sobre a prática psicanalítica atual é o uso da tecnologia.

É inquestionável a importância e o impacto causado pelas novas tecnologias na vida cotidiana. A comunicação se tornou mais rápida e ágil. As distâncias geográficas não são mais impedimento para o contato quase imediato, e as imagens permitem conexão ainda maior com quem está longe.

A tecnologia, definitivamente inserida na vida das pessoas, está também dentro dos consultórios. Hoje, é comum a troca de mensagens entre analisando e analista, MSN, *WhatsApp*,e outras formas de comunicação virtual já fazem parte do cotidiano. Quem atende adolescentes sabe o quanto isto se tornou uma prática corriqueira. Entretanto, o que está em pauta é a análise à distância, especialmente via *Skype*.

Alguns anos atrás, usava-se o telefone para questões pontuais, como em situações consideradas de emergência ou da impossibilidade do analisando em comparecer à sessão por questões de saúde e, também, quando residia em outra cidade.

Agora, com a mobilidade e a premência do tempo aumentadas de forma exponencial, não é raro que alguns analisandos vivam em constantes viagens ou que mudem de país. Desta forma, uma nova modalidade de atendimento vem ocorrendo :a psicanálise à distância.

Como sói acontecer diante de novas situações, não há um consenso entre os analistas em relação às múltiplas questões que este assunto abarca, mas esta experiência já ocorre na América Latina, na Europa e nos Estados Unidos, ou seja, abrange o meio no qual a psicanálise já está estabelecida há tempo.

O tema tem sido discutido inclusive pelo Board da IPA e muitos psicanalistas defendem a ideia de que se possa realizar análise via Skype, para fins de formação analítica, em países onde não há analistas com função didática.

Muitos fatores precisam ser ponderados quando falamos de análise via *Skype* e vale ressaltar que a sessão de análise com a presença do analisando no consultório deve ser sempre privilegiada. Desta forma, penso que a análise à distância pode ocorrer em situações bem específicas, nas quais cada caso, como em todo e qualquer processo de análise, deve ser bem avaliado.

Em princípio, penso que esses atendimentos seriam pertinentes nos casos onde já tenha transcorrido um tempo suficiente de sessões presenciais para que se tenha estabelecido uma relação transferencial que permita um vínculo qualitativamente sólido da dupla analítica. Parece-me difícil estabelecer um processo de análise à distância no qual não tenha havido um número significativo de sessões presenciais.

Considero válida a situação na qual ocorre uma mudança de estado ou, especialmente, de país. O vínculo já estabelecido com o analista pode ser assegurador frente às angústias inerentes a este tipo de mudança. No caso de mudança para o exterior, há ainda a importância da língua materna. Porém, creio que a análise à distância, mesmo nestes casos, tem um tempo determinado e deve ocorrer até que se possa encaminhar o analisando para outro colega quando a mudança é definitiva. Portanto, esta experiência deve ter uma caráter transitório.

É importante observar os limites desse tipo de atendimento, sobretudo quando o analisando apresenta uma estrutura não neurótica. Outra questão que precisa ser levada em conta é que muitos aspectos da comunicação não verbal são difíceis de serem apreendidos nesta condição. Sabemos que, além do que é dito durante uma sessão, existem muitos indicadores sobre o estado mental do analisando que são percebidos pelo analista, transcendem ao que está sendo verbalizado.

De qualquer forma, temos que pensar que este recurso da psicanálise à distância já é uma realidade para muitos analistas de todas as latitudes. É preciso, então, refletir sobre as questões técnicas que envolvem esta modalidade de análise dos tempos atuais.

Nesses atendimentos, parece-me indispensável que seja respeitado o enquadre estabelecido, ou seja, que se cumpram os aspectos formais do enquadre como o tempo da sessão, o horário combinado e mesmo o local, que deve ser de privacidade, ou melhor, da privacidade possível. Vale salientar que cabe ao analista zelar pelo enquadre acordado e este aspecto é relevante justamente pelas condições peculiares desses atendimentos. Mas, sobretudo, o que é fundamental é que se mantenha o enquadre interno do analista (Green, 2008). A capacidade de manter a escuta analítica, escuta das manifestações do inconsciente do analisando e sua ressonância no inconsciente do analista precisa ser sustentada para que sejam viabilizadas as condições de uma análise.

E como fator imprescindível para que se mantenha a especificidade de um processo analítico, deve ser preservada a possibilidade de o analisando associar livremente e a contrapartida por parte do analista de manter a atenção livre flutuante. Acredito que estes aspectos que norteiam o encontro da dupla analítica são de grande importância nos debates em torno deste tema, que deve ser objeto de estudos e avaliações.

É indiscutível que esta nova experiência é uma questão controvertida com argumentos consistentes para as posições favoráveis ou contrárias, mas o que não pode acontecer é nos furtarmos ao debate.•

O homem e a máquina

Leornardo Francischelli
Psicanalista da SBPdePA

O homem, desde todos os tempos, sempre lutou pela sua autonomia. O progresso veio lentamente. É claro que cobrou seu preço. À medida que cresceram seus saberes, foi pagando a conta por ter comido o fruto do conhecimento.

Primeiro, foi destituído do centro do universo. Ali adiante, padeceu outra destituição: não mais descendia de Deus, mas sim seria um produto da evolução da espécie. E, por último, nem mesmo seria senhor de sua casa.

São as famosas feridas narcísicas que o homem debitou em sua conta como honorários de sua audácia em querer conhecer.

Talvez ainda tenha pela frente outros dissabores em seu sentimento de si. Contudo, ganhou muito desde que ingressou na grande aventura de conhecer o mundo em que habitava.

Hoje, o homem ainda briga com a natureza, com a presença dos outros e contra a presença do seu próprio corpo, porém dispõe de um crescimento tecnológico jamais pensado.

Encurtou distâncias, notícias no chamado tempo real, a medicina dispensa velhas práticas e amanhã poderá substituir o velho coração dos poetas por aparelho similar, uma máquina mais eficiente que o órgão que o homem trouxe consigo ao nascer.

Ontem, o instrumento do amor eram os olhos. Hoje, um *iPad* é o olho de outro tempo.

Nosso tempo conta avanços tecnológicos inimagináveis há oitenta anos. E exigem que o homem os considere, caso contrário, estará fora do seu momento.

Um campo particular em que a ciência produziu progressos extraordinários, até então nunca alcançados, foi o dos meios de comunicação, e é óbvio que a psicanálise entraria nesse baile.

Em nossos dias, o *Skype* invadiu a mente dos psicanalistas. Em nome das distâncias, muitos de nós pensamos que a máquina pode entrar no lugar do divã. E, com isso, está posta a discórdia entre os analistas.

Muitos defendem que não podemos nos colocar na contramão do mundo, isto é, contra os confortos da tecnologia atual.

Os debates estão na ordem do dia. Recentemente, um "documento" da IPA falava de uma discussão sobre se devemos ou não analisar com o emprego da máquina.

Será que o *Skype* substituirá o velho divã? Do futuro não se sabe, porém ninguém pode negar a força dos argumentos daqueles que opinam a favor de utilizar esse instrumento para encurtar distâncias e facultar a análise.

Penso que, em algumas circunstâncias particulares, a psicanálise pode passar pelo *Skype* e similares. Entretanto, entendo que o fato não deve ser generalizado ou mesmo que seria o mesmo que uma psicanálise tradicional, pois a própria máquina surge no mundo forjando novas subjetividades que nascem nesse universo tecnológico.

É trabalho da psicanálise participar na construção do novo universo subjetivo do século XXI. Acredito, portanto, de forma muito convicta, que nada poderá substituir o velho mobiliário da sala de análise. Processo psicanalítico no qual não se respira o mesmo ar não opera no núcleo duro do ser do sujeito.

Afirmação forte. Faço-a dessa forma porque escuto muitos argumentos que são verdadeiras racionalidades e que procedem de lugares muitos inteligentes.

O transpirado divã e velha poltrona ainda encontrarão lugar nesses tempos de urgências. Ainda que não possamos desprezar totalmente o auxílio que a máquina pode prestar à psicanálise, considero que seu emprego não deva ser abusivo.

Esse mobiliário arcaico em relação às novidades diárias que surgem dia após dia e que cativam todo mundo, ainda poderá fazer frente a essa verdadeira avalanche de máquinas cada vez mais sofisticadas.

Será que o sofrer do homem psíquico poderá ser processado em ausências, mediatizadas por um aparelho?

Sem o divã, portador de histórias mil, atravessado por amores e ódios, encharcado de lágrimas, acompanhado pela desbotada poltrona perderão seu lugar nos cuidados da dor psíquica e no criar subjetividades? Compreendo que não.

Sem as tonalidades da voz e sem o colorido das emoções, o processo analítico perde substância.

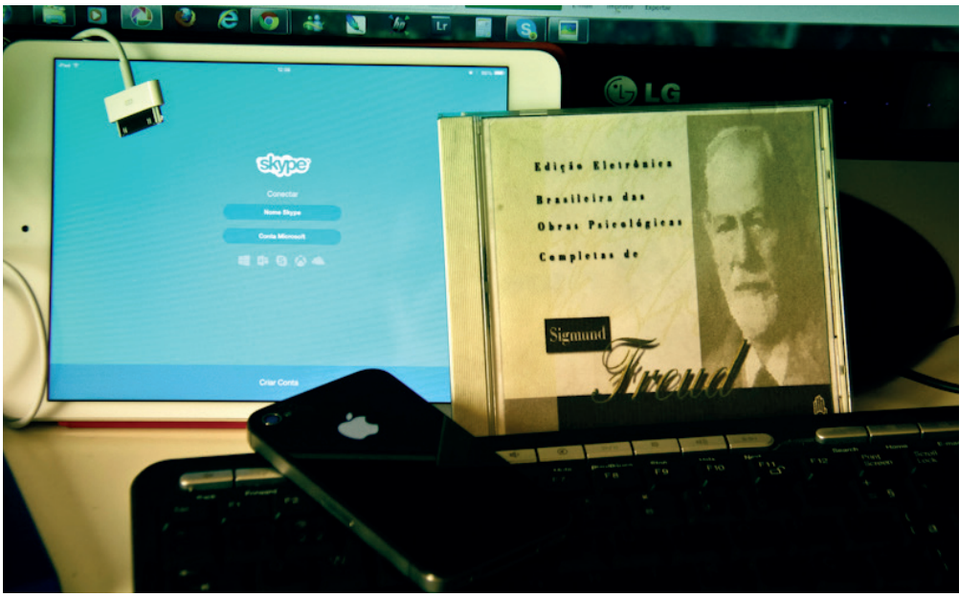
Por tudo isso e muito mais é que poderemos sustentar que o futuro não está no *iPad*. O futuro está na psicanálise, na medida em que ela é a guardiã da subjetividade do homem do século que atravessamos.•

Adolescência virtual

Celso Halperin
Psicanalista da SBPdePA

Integração. Parece que esse é o caminho, a necessidade de todo adolescente. Desde que a adolescência foi inventada, o percurso natural do jovem é buscar reconhecer sua identidade, o que ele é e o que ele não é. Não é mais possível ficar na confusão entre seus valores e os valores da família e da cultura herdada. A identidade própria precisa ser (re)fundada. Um caminho natural sempre foi buscar os grupos. Grupos de amigos, grupos por afinidades (esporte, social, ideias políticas, ideologias, etc.). O isolamento é terrível, grande risco de cair no vazio. O acesso à cultura também ajuda muito. Pode ser pela escrita, por imagens, sons, o que for. Seja pela natureza, seja pela virtualidade, eu só existo se me percebo existindo no mundo. Apenas sou alguém se eu for reconhecido como existente pelos outros. Seja esse outro real, seja virtual. Sim, mesmo o olhar virtual já é um primeiro passo na busca de uma maior integração com o mundo natural.

A especialidade do homem é pensar. E parece que não cansa de pensar em formas de se integrar ao mundo, com outros indivíduos, outros povos e com a natureza. Nesse sentido, inventou o símbolo, a palavra e a arte. Busca, assim, evitar qualquer isolamento. Mas o pensamento não para, o homem não se acomoda. Pensa tanto que desenvolve a tecnologia. A vida melhora: saúde, alimentação e, novamente, a integração. A comunicação alcança níveis em que não só todo mundo pode se comunicar instantaneamente com todo mundo, como é possível se comunicar, escutar os sons da origem do universo. O mundo oferece, para quem quiser, um funcionamento *on-line*. Permanente acesso à informação, às redes sociais, aos jogos interativos. A verdade é que esse salto tecnológico nas comunicações individuais foi muito rápido: uma, no máximo duas gerações. Muitas vezes nos assustamos com aquilo que não conhecemos, não dominamos. Perigosamente, temos a tendência de ver patologia naquilo que é diferente, deixando de perceber os avanços que para as novas gerações já são percebidos como naturais, tal como um dia já foi a palavra impressa, o telefone e a televisão. A verdade é que o adolescente (e o adolescente presente em cada um de nós) quer se integrar. Quer viver a ilusão de que está integrado no mundo, de que se relaciona com as realidades. Nesse sentido, a internet pode ser um ótimo palco, uma maravilhosa quadra para o exercício da busca da própria identidade, do reconhecimento, de relacionamentos, de competições e de amores. Enfim, a internet é só mais uma ferramenta na qual a vida pode ser experimentada e exercitada, não substituindo, sob hipótese alguma, a vida natural, com seus cheiros, aromas, toques, etc. A verdade é que, seja por simulação, por experimentação ou mesmo como um facilitador de comunicação, a virtualidade passa a fazer parte da vida. E como tudo na vida, também vai ser cenário das demonstrações das insuficiências que apresentamos. Se há uma dificuldade intrínseca do indivíduo em se integrar com outras pessoas, pode ser que ele tenda a usar a internet de forma a manter esse padrão, tal como faria na escola ou em outros ambientes que estaria frequentando. Mas também é verdade que a internet, pelas suas características de mesclar a virtualidade com a possibilidade de comunicação com outros indivíduos (ou grupos), às vezes simultaneamente, está sempre oferecendo uma oportunidade para que cada um consiga desenvolver algum nível de integração com o mundo que, de outra forma, não está sendo possível.•



A comunicação virtual na relação analítica

Lisiane Milman Cervo
Psicanalista da SBPdePA

Hoje em dia nos soa tão familiar atrelar a virtualidade aos avanços tecnológicos – à internet, aos jogos conectivos – que talvez nos afastamos de um sentido do termo "virtual" que é intrínseco ao universo psicanalítico: o virtual pode ser aquilo que se apresenta ao mesmo tempo como real e ilusório. Tomado dessa forma, a virtualidade está na essência do método psicanalítico, está na matriz do conceito de transferência: o analista pode ser virtualmente o pai, mas não é o pai. Todo processo analítico depende da possibilidade de sustentação desse paradoxo, dessa ordem de virtualidade. Freud descreve a transferência como um playground, ou como uma região intermediária entre a doença e a vida real. Essa noção de paradoxo ganha fôlego nos desenvolvimentos psicanalíticos posteriores, especialmente a partir de Winnicott, que ao teorizar sobre a transicionalidade convida a "brincar" com a virtual presença/ausência da mãe. Tomando essa concepção, preservar a qualidade virtual da comunicação está na essência da relação analítica.

Se passarmos agora ao sentido tecnológico, diante da presença tão marcante dos dispositivos virtuais na cultura atual, podemos discutir sobre suas repercussões nos relacionamentos humanos e seus desdobramentos no campo analítico. Longe de obtermos algum consenso nessa exploração, esse é um tempo de desbravamento e compartilhamento das experiências entre os psicanalistas. Temos nos deparado com um grande repertório de situações em que a comunicação virtual se faz presente na relação analítica, em variadas formas e em diferentes níveis:

- Pode ser um veículo para a transmissão de informações: contatos simples, mediados pelas tecnologias da comunicação, em que chegam ao analista recados por SMS ou *WhatsApp*, com objetividade e agilidade capazes de suplantar o reinado das secretárias eletrônicas. Não vejo restrição a que possamos receber e responder tais recados, a menos que inoculem confusão no vínculo ou que haja um mau uso dos dispositivos, como acontece quando um paciente ou seus pais nos inundam com vários e longos recados, esvaziando o contato pessoal. Sendo o analista o guardião do *setting,* não haverá conivência com as práticas voltadas à resistência ao tratamento ou à descaracterização do espaço analítico (tal recomendação, aliás, estende-se a todo o uso de comunicação virtual no contexto psicanalítico).

- Pode ser uma modalidade de acesso quando está imposta a distância física: nesses tempos de globalização, nosso método tem sido desafiado a expandir as fronteiras do consultório local. Intercâmbios de pacientes, mobilidades acadêmicas, mudanças provisórias de país para estágios ou empregos, têm sido circunstâncias corriqueiras da vida que impelem à interrupção do *setting* habitual, em períodos em que haveria indicação para prosseguir a análise. Muitas vezes, a transferência estabelecida e a transitoriedade do afastamento não dispõem à troca de analista e, nesse contexto, a democratização das ferramentas virtuais tem promovido valiosos encontros analíticos à distância. Essas experiências podem ser de comunicação via e-mails, ou mesmo consultas por *Skype* ou facetime, constituindo um setting analítico singular. Ainda estamos distantes de uma elaboração teórica sobre essa questão, e poderíamos levantar aqui vários questionamentos: seria possível conduzir todo um processo analítico mediado pela tecnologia da comunicação? Qual a interferência da ausência do encontro concreto, da falta do contato físico com a pessoa real do analista, nas questões transferenciais e no campo analítico?

- Pode ser uma modalidade expressiva nas sessões: os analistas, especialmente no trabalho com crianças e adolescentes, estão habituados ao uso de diversos materiais, como os lúdicos e gráficos, que favorecem a comunicação por caminhos extraverbais. Alguns colegas já aderiram ao computador e ao tablet como materiais que também podem ser oferecidos. Outros preferem seguir apresentando os brinquedos mais tradicionais, com o argumento de que já há uma superestimulação das crianças através de telas virtuais e de que seria importante, ao menos no setting, tentarmos um caminho que se contraponha a esse excesso, apostando na plasticidade da dupla analítica para a criação de desenhos e jogos. Independente do estilo do analista, as próprias crianças e jovens muitas vezes chegam equipados com seus tablets e smartphones, introduzindo esses dispositivos nas sessões – e nos cabe discernir qual o sentido de seu uso. Um exemplo recente: uma menina de 11 anos contou a sua

analista que queria muito ver o show de seu ídolo e, face ao desconhecimento da profissional a respeito do artista, a menina rapidamente pegou seu iphone e disse: "Vou te mostrar!" Diante do quão recorrente era a busca de imagens prontas que "falassem" pela paciente, a analista a estimulou a contar sobre seu ídolo e sobre o que ele lhe despertava, construindo seu próprio idioma – a tentativa é de não se restringir à imagem da tela e propor um espaço à narratividade e à reflexão. O mais importante não passa pelo uso ou não dos recursos tecnológicos na sessão, mas pela capacidade de o profissional manter a função analítica de sua mente e de promover, com suas intervenções, a subjetividade e a humanização.

- Pode estar presente no conteúdo das sessões: especialmente com jovens que são adictos a videogames ou a chats da internet e que ficam conectados muitas horas por dia nessas atividades, em detrimento dos estudos, contatos sociais, esportes – é preciso falar sobre o que ocupa suas mentes, compreender que universo é esse que os fascina tanto, avaliando inclusive os riscos de estarem sujeitos a práticas perversas que circulam na internet. Nosso desafio tem sido a construção de uma "ponte" entre uma lógica conectiva (própria dos videogames, em que o importante é a velocidade dos reflexos, sem que as imagens se associem ou produzam significados) e uma lógica associativa (típica do "brincar" dos consultórios, em que há sentidos ocultos, subjacentes ao manifesto e que podem ser interpretados). Para o paciente, contar a alguém sobre esses jogos já pode ser um movimento inédito rumo à narratividade, um incipiente caminho para um livre associar.

Desses argumentos, proponho que a direção de nosso trabalho seja a de tentar transformar aquilo que nos chega pela via do "virtual tecnológico" naquilo que é inerente ao "virtual psicanalítico": possibilitar que os conflitos infantis e o passado histórico do paciente se atualizem no cenário transferencial e na relação analítica, sustentando um modelo de comunicação que será sempre virtualmente real e ilusório.•

Jornal da Brasileira

JORNAL DA BRASILEIRA
Órgão de divulgação da Sociedade Brasileira
de Psicanálise de Porto Alegre, fundada em 1992.
Praça dr. Maurício Cardoso, 07 – CEP 90570-010
Porto Alegre – RS – BRASIL
Tel./Fax 55 51 3330-3845/ 3333-6857
www.sbpdepa.org.br/ sbpdepa@sbpdepa.org.br

Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da SBPdePA, estando, portanto, sob responsabilidade de seus autores.

DIRETORIA
Presidente: Helena Ardaiz Surreaux
Secretário: Lores Pedro Meller
Tesoureiro: Ane Marlise Port Rodrigues
Diretora da Comissão Científica:
Sílvia Brandão Skowronsky
Diretora da Comissão de Comunicação:
Ester Malque Litvin/Mara Leoni Horta Barbosa
Diretora da Comissão de Relações com a Comunidade:
Patrícia Goldfeld
Diretora do Centro de Atendimento Psicanalítico (CAP):
Denise Zimpek Pereira

INSTITUTO DE PSICANÁLISE
Diretor: Fernando Kunzler
Secretário: Leonardo Francischelli
Coordenador da Subcomissão de Seminários:
Laura Ward da Rosa
Coordenador da Subcomissão de formação:
Augusta Gerchmann
Subcomissão da Infância e Adolescência
Associação de Membros do Instituto:
Magda Regina Barbieri Walz

NÚCLEOS
Núcleo de Infância e Adolescência (NIA):
Eluza Nardino Enck
Núcleo de Vínculos: Vera Maria H. Pereira de Mello
Núcleo Psicanalítico de Florianópolis:
Márcio José Dal-Bó
Grupo de Estudos Espaço Potencial
Grupo de Estudos Pró-Criar
Comissão de Memórias e Arquivos: Jeanete Sacchet
Comissão de Universidade: Sandra Bertoldi
Comissão de Projeto Social: Alexandre Antunes
Comissão de Educação à Distância:
Helena Ardaiz Surreaux
Comissão de Pesquisa: Patrícia Goldfeld
Membro Honorário: David Zimmermann

JORNAL DA BRASILEIRA
Editora: Mara Horta Barbosa
Conselho Editorial: Rodrigo Boettcher,
Fátima Maria Fredrizzi e Magda Martins Costa
Assistente Editorial: Juliana Ulrich
Jornalista responsável/Editoração: Helena Mello
Revisão de português:
Oficina do texto, Antônio Falcetta e Victor Lourenço.
Projeto Gráfico: Helena Mello
Secretária: Micaela Wünsch
Execução Gráfica: Calábria – Tiragem: 500 exemplares

Resenha do filme

De repente pai

Autores: Kátya Araújo, Mara Horta Barbosa, Maria Isabel Ribas Pacheco, Patrícia Mazeron, Renata Vives (Grupo Pró-Criar da SBPdePA).

Uma comédia despretensiosa que aborda um tema fundamental: tornar-se pai. Consegue ser tocante em algumas cenas, enfocando muitas peculiaridades de nossa época atual.

David Wosniak é um homem de 40 anos que vive aparentemente sem maior comprometimento, sem um sentido relativo à própria vida. Aparece inicialmente atrapalhado, para cumprir suas tarefas de entregador de carne do açougue da família, constituída por seu pai e dois irmãos. Enfrenta, neste momento, a cobrança de uma dívida. Nesse contexto, sua namorada Emma revela que está grávida. Ao mesmo tempo, recebe a visita de um advogado que lhe comunica ser pai de 533 jovens. Aos 20 anos, realizou inúmeras doações de esperma em uma clínica em troca de dinheiro, usando o pseudônimo Starbuck e firmando um acordo de sigilo. O problema se apresenta quando 145 destes jovens desejam conhecer o pai, e entram com uma ação coletiva contra a clínica, em busca da quebra do sigilo do doador.

Quando recebe um envelope contendo o perfil de cada um dos jovens, passa a seguir um a um, a fim de conhecê-los, contrariando a orientação do advogado. Imagina ser uma espécie de anjo da guarda, protetor daqueles jovens. Este parece ser o despertar do processo de transformação de David. O que não tinha significado, esperma por dinheiro, somas, quantidades que, de repente, são filhos em busca de um pai. E David, que se percebia como um anjo (assexuado), agora com alguma capacidade de representação passa a proteger esses jovens. Ocorre um julgamento. David obtém indenização pelo risco de quebra de sigilo. Poderia pagar sua dívida. Neste momento, procura o pai.

Então, algo que tem muita importância acontece. O pai conta a sua própria história e o ajuda a saldar sua dívida. Lembramos que David, aos 20 anos, talvez por sentir-se em dívida (culpa), realizou o sonho dos pais, levando-os a conhecer a Itália e, para isso, conseguiu dinheiro com a "venda" de sêmen. Na vida de David, as exigências passam a ter outra complexidade. Uma eterna adolescência poderia encontrar um limite. Há aqui um acerto de contas?

"...al convertirse en padre, el sujeto corre el riesgo de entrever en el hijo lo que entrevió Laios: el que deseará su muerte. En la relación padre-hijo, la muerte estará doblemente presente: el padre del padre, en efecto, es aquel que en una época lejana se ha querido matar, y el hijo proprio, aquel que deseará la muerte de uno. Este doble deseo de muerte solo puede ser reprimido gracias a la conexión que se establece entre muerte y sucesión y entre transmisión de la ley y aceptación de la muerte. Será necesario que el deseo de muerte, reprimido en el padre, sea remplazado por el anhelo consciente de que su hijo llegue a ser, no aquel a que o arranque de su lugar, sino aquel a quien se le da (no sentido más profundo del término) el derecho a ejercer una misma función en un tiempo futuro." (P. Aulagnier, p. 155, 1975)

Liberado de realizar os sonhos de seus pais, é inserido numa cadeia geracional que lhe permite processar mentalmente o que lhe pedem estes jovens. A dívida de um pai com seu pai transforma-se em compromisso com a geração seguinte.

Afirmando, inúmeras vezes, que quer fazer a coisa certa, revela que é o doador, a despeito do julgamento, sensível ao apelo dos jovens. Entretanto, o lugar de um pai já fora estabelecido quando os filhos – a horda fraterna – ao se organizarem a fim de obter o direito de saber sobre a sua origem, constituíram este lugar.

Na cena final, aparece a centena de jovens aglomerados e felizes, fazendo mil gracejos, atrás do vidro do berçário, onde Emma apresenta o irmão recém-nascido. David desaparece da cena.

A comunidade de irmãos tem, no filme, um papel importante para dar conta do enfraquecimento da função paterna, pela capacidade de organização inventa novas formas de ligação afetiva, sustentando a alteridade. Ao mesmo tempo, expõe a importância do conhecimento de uma história para que existam raízes, o sentimento de pertencimento e o desenvolvimento da subjetividade. Mas, para que exista uma história, é preciso um relato, alguém que escute este relato, um espaço e um tempo onde este relato possa ser reconhecido.

Não seria possível ocorrer na vida real, um doador ser pai biológico de tal quantidade de filhos, porque há legislação que limita o número de doações, etc. Várias áreas do conhecimento se encontram e se desencontram. Ao pensar este tema, há toda uma discussão sobre a questão legal, dos direitos de todos os envolvidos, incluindo a medicina e os aspectos éticos e emocionais.

O filme apresenta muitas possibilidades para pensarmos a contemporaneidade, com as inúmeras problemáticas relacionadas à constituição de outros modelos de família.

Convidamos para que assistam e sigamos pensando como se exercem as funções simbólicas em relação com os processos de subjetivação.•

Bibliografia:

CASTORIADES-AULAGNIER,
Piera (1975):
A Violência da Interpretação.
Buenos Aires: Amorrortu, 1977.